

2-6 ABR 1987

O GLOBO

2º CLICHÊ

Porta-voz afirma que Sarney prefere conviver com inflação para evitar recessão

BRASÍLIA — O Presidente José Sarney prefere conviver com as atuais taxas de inflação, lutando para que elas fiquem em níveis um pouco mais baixos, do que aplicar uma política econômica recessiva com o objetivo de reduzir drasticamente essas taxas, informou ontem o porta-voz do Palácio do Planalto, jornalista Frota Neto.

Segundo o Presidente, a política anti-recessiva não é apenas uma promessa sua, ou de seu Governo, mas algo bem mais profundo. O Presidente considera o assunto como um compromisso seu assumido com toda a sociedade brasileira.

O Presidente, segundo informou Frota Neto, já decidiu que essa é e continuará sendo a mola-mestre da política econômica de seu Governo, mesmo que haja pressão inflacionária. O Presidente acredita que é possível combater a inflação através da correção dos salários, mas não há como combater o desemprego provocado pela recessão. — Por isso, em nenhum momento o Presidente abrirá mão do crescimento da economia

— destacou o porta-voz. O Governo reconhece que há dificuldades, mas não se configura um quadro de recessão no País, conforme demonstram os indicadores da produção (que continua alta) e de emprego: o comportamento do emprego formal urbano em fevereiro de 1987 foi, por exemplo, em termos de variação relativa, semelhante ao do mês de fevereiro do ano passado, ou seja: 0,44 por cento.

O setor de serviços, nesse quadro, foi responsável por 50,4 por cento da geração líquida de empregos em fevereiro e a indústria de transformação, por 42,4 por cento.

A construção civil sofreu uma grande desaceleração em relação ao mês anterior: 0,64 por cento.

Outro indicador de um quadro não recessivo recebido pelo Presidente José Sarney na sexta-feira foi o volume da arrecadação da Previdência Social, que alcançou a cifra de CZ\$ 31 bilhões, "uma receita recorde na história da Previdência", conforme ressaltou Frota Neto.

Rabello de Castro acha que política do Governo atrapalha a economia

CAMPINAS, SP — As perspectivas da economia brasileira seriam as mais alvissareiras, atualmente, se não fosse pelo Governo, já que sua potencialidade não é compatível com a linha imprimida pela política oficial. A opinião é do professor da Fundação Getúlio Vargas, Paulo Rabello de Castro, que ontem fez palestra para empresários da região de Campinas, na construtora LIC da Cunha, afirmando que o quadro da economia brasileira somente torna-se negativo quanto incorpora os conflitos introduzidos pelo aparelho estatal.

Segundo sua análise, a perspectiva para o setor externo também seria "excelente, se não fosse a atitude do Governo. E isso qualquer empresário sabe ver.

— Temos um PIB de US\$ 280 bi-

lhões, que deve subir para US\$ 350 bilhões se for contada a economia subterrânea. O País deve a terça parte desse total e nem tem que pagar tudo de uma vez. É preciso, então, apenas que esse pagamento seja bem negociado", afirmou Paulo Rabello de Castro.

Castro disse sua proposta de solução implicaria sacrifício, mas adiantou que é preciso, também, definir sobre que parcela da população deve recair esse sacrifício.

Para o economista, os principais erros recentes do Governo foram o consumo de US\$ 7 a 11 bilhões da reserva cambial, no ano passado, a retórica sobre a negociação da dívida sem apresentação de proposta concreta aos credores, e a indefinição quando a correção monetária, hora extinta, hora reaplicada.